

## Resistir, sempre!

Luiz Carlos Corrêa Carvalho  
[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)

*“Dificuldades e obstáculos são fontes valiosas de saúde e força para qualquer sociedade”*  
Albert Einstein

Na leitura deste texto, estará sendo realizada em São Paulo a 28ª Edição do ISSCT. E isso é motivo de grande satisfação, por vários motivos que merecem análise.

De alguns anos para cá, os dados globais de produtividade agroindustrial da cana-de-açúcar vem estagnados, até com queda em relação à média histórica. Por outro lado, a produtividade da beterraba açucareira cresce de forma efetiva seja em países desenvolvidos ou nos que vinham com performance inferior. Claro que são momentos, ou uma conjuntura, numa realidade histórica onde a cultura da cana-de-açúcar domina inteiramente a “competição” de peso proporcional das culturas na oferta global de açúcar.

Como uma planta de formidável capacidade fotossintética, a cana-de-açúcar já é conhecida como a força matriz de uma agroindústria “sucroenergética”, ou seja, produtora de alimentos (açúcar, aguardente) ou de energia (etanol, energia elétrica). E é neste contexto que a realização do citado evento, no Brasil, ganha relevância!

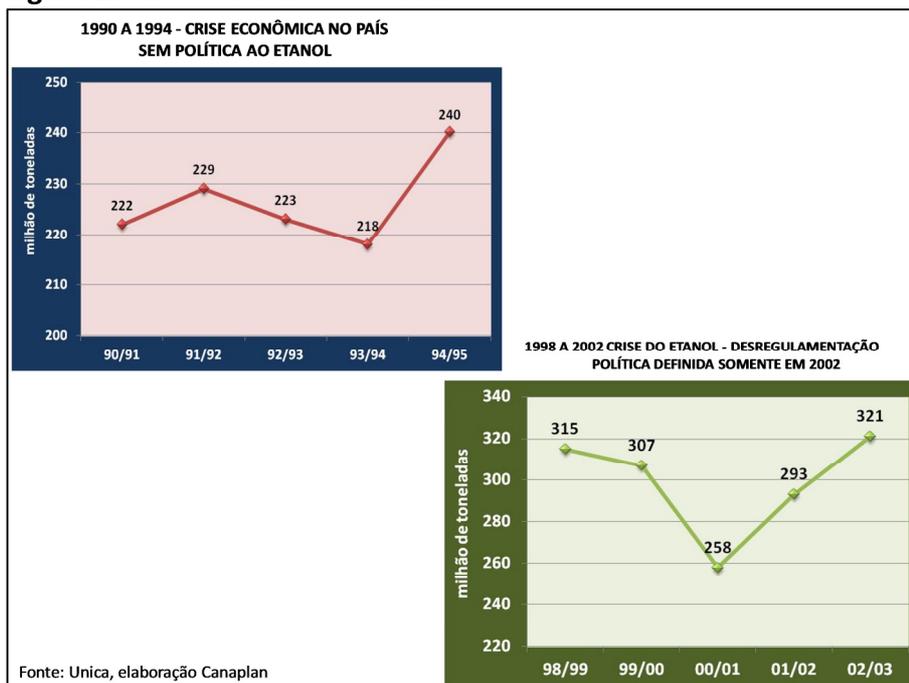
O desenvolvimento setorial teve fases as mais diversas, com evoluções e recaídas, e, de uma forma global, é um setor onde o protecionismo e o conservadorismo são forças de grande intensidade. Nesses quesitos, o Brasil vem revolucionando desde a desregulamentação setorial ocorrida ao final da década de 1990, o que levou a uma profunda mudança neste setor brasileiro, sem dúvidas para melhor. Aliás, somente não foi uma evolução completa porque os preços da gasolina, que competem com os do etanol hidratado, seguem sendo definidos pelo governo federal, sem relação constante com os preços do mercado internacional. Claro que isso tem gerado enorme dor de cabeça aos produtores de etanol e à própria produtora ou distribuidora de gasolina, no caso a Petrobrás, pois não tem permitido margens aos produtores de etanol e de gasolina.

**Tabela 1:** Agronegócio Canavieiro: Períodos e Crescimento Volatilidade e Indefinições

PERÍODO	TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO (% a.a.)				
	CANA	AÇÚCAR	ETANOL	ANIDRO	HIDRATADO
10 ANOS (1990 – 2000)	1,5	10,8	-0,6	15,9	-6,7
22 ANOS (1990 – 2012)	4,1	9,6	3,7	9,9	1,7

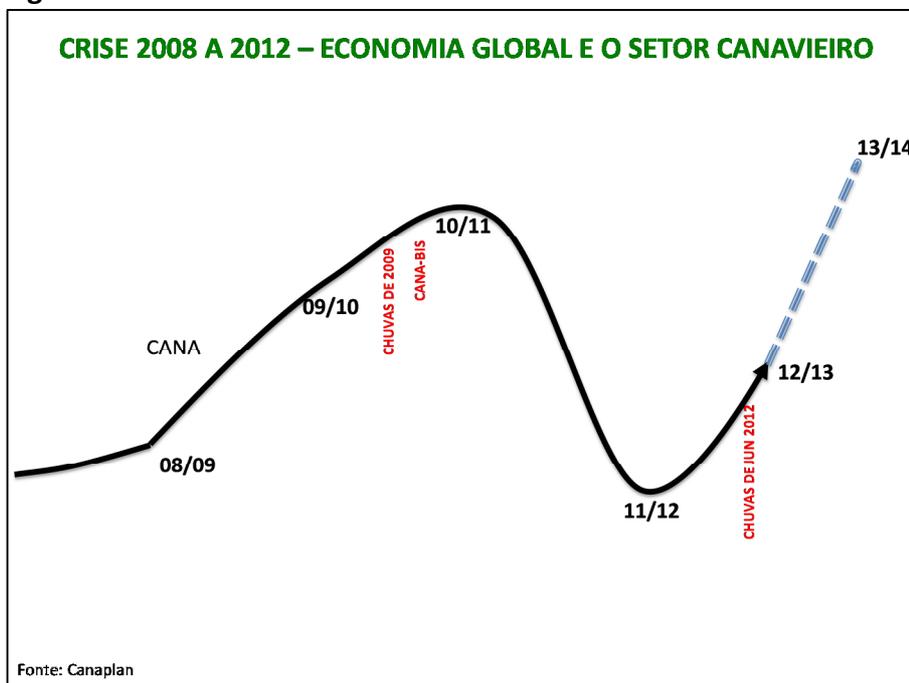
Desde o lançamento dos carros flexíveis, o crescimento médio acumulado do setor canavieiro é elevado, mesmo com a estagnação pós 2009. E isso tem relação com a última crise global e setorial. E qual a relação desta última crise com outras anteriores?

**Figura 1: Crises Globais e Setoriais**



Pela figura, tem-se dois momentos bem distintos de crises, uma geral, e, outra, específica do setor. Ambas tem a “cara” semelhante da recuperação da produção após 2 a 3 safras. E qual a imagem da crise atual?

**Figura 2: Crise 2008 a 2012 – Economia Global e o Setor Canavieiro**



Entre as consequências dessa última crise, chama a atenção uma grande dispersão das unidades produtoras do Centro-Sul Brasileiro, a partir da média obtida na safra 2012/13: 10 ton de ATR/ha e idade média de 3,60 anos. Ao observar a distribuição, tem-se que ¼ estão acima da média, ou seja produtividade e longevidade, ~ 20% com longevidade acima da média mas produtividade abaixo, ~ 27% sem produtividade e longevidade e ~ 30% com boa

produtividade mas com canavial ainda muito jovem. Essa é uma descrição problemática e traz à tona uma questão que, na psicologia, é definida como a capacidade de resiliência de um sistema produtivo.

Resiliência tem a ver com a capacidade de resistência de um setor quando convivendo com forças que o enfraquecem. A cana-de-açúcar, por definição, tem grande resiliência, a ponto de aceitar um tipo de ação “extrativista” e permitir anos sem investimento e um nível de produção, mesmo que baixo. Mas, obviamente, há limites! E são esses limites que podem dar a dimensão dos estragos ou da velocidade de recuperação de um setor produtivo.

Segundo trabalho da ORPLANA, as safras de 2008/09 a 2012/13, não deram, na média, margem ao industrial para o etanol, pois os seus preços do etanol estiveram abaixo dos custos da matéria prima! O açúcar, por sua vez, das últimas 5 safras consideradas remuneraram 2 apenas..... O diagnóstico técnico é que subiram os custos e os preços não os pagaram, ficando claro o processo de descapitalização e, se houve crescimento, ele aconteceu em processo de claro endividamento.

Outra forma de olhar essa realidade é a de buscar entender o mercado de etanol: na safra 07/08, 94,1% da frota flexível era atendida com etanol hidratado; na safra 13/14, agora, talvez só 34%! Ou, de outro modo, o hidratado que foi 36% de todo o Ciclo Otto (safra 09/10) e caiu para 18% na 12/13. Isso fez com que a gasolina, entre 2008 e 2013, mostrasse uma taxa de crescimento, no período, de 77% (a maior entre os derivados do petróleo – 12% a.a.).

Com base nas últimas políticas (maio/13) do atual governo brasileiro ao etanol, via redução do PIS – COFINS (impostos federais), a capacidade de competição do etanol hidratado aumentou, mas relativamente pouco frente aos custos crescentes observados. A perda da CIDE (imposto que permite ao etanol competir com a gasolina em condições corretas) foi mortal.

Nesse momento deve-se voltar os olhos ao processo produtivo, pois a capacidade do governo de ter políticas públicas coerentes que façam voltar a CIDE, por exemplo, esbarra na sua luta contra a inflação e no projeto de eleição de 2014! Assim, o caminho da resiliência setorial é o da produtividade e o da inovação tecnológica.

O Brasil expandiu o seu canavial para novas regiões produtoras, com características de ambientes de produção C, D, e E, ou seja, ambientes que requerem correção da química dos solos, preparo profundo dos solos com aplicação de calcário e gesso que permitam o aprofundamento das raízes face o elevado déficit hídrico nessas áreas e, também como função disso, irrigação. Deve-se salientar que o processo de mecanização agrícola tanto no plantio como na colheita mudaram completamente o perfil de tecnologia agrícola, hoje em curva de aprendizado. Também como consequência disso, todo um novo elenco de variedades de cana e de “choque” sobre épocas de plantio, vem ocorrendo.

O processo que permeia isso tudo é o de intensa consolidação setorial, que mostrou uma certa perda de velocidade no últimos 2 anos, mas que voltará, com força.

Isso pressupõe intenso processo negocial, quando se questiona a capacidade de expansão do sistema.

O processo de mecanização da colheita traz uma demora maior na volta ao campo após chuva. Esse planejamento requer mais tempo de moagem e a safra se inicia mais cedo e vai mais longe. Os níveis de qualidade da cana se tornam mais baixos, na média, e o impacto disso nos custos de produção é muito forte. Isso faz com que nos custos atuais, uma unidade industrial com produtividade agrícola de 75 toneladas por hectare e 144 kg de ATR/ton de cana seja mais econômica que outra com 90 toneladas por hectare e 134 kg de ATR/ton de cana! Assim, o uso de amadurecedores químicos ganha importância especial.

Mas voltando à questão da resiliência e a visão prospectiva, as ondas de tecnologia ou de extrativismo chegam e terminam, como foi a corrida do ouro (1840 nos EUA) ou a indústria elétrica e sua revolução com o mundo dos eletrodomésticos: primeiro ruas escavadas e enorme estrutura de ligações e, agora, o mundo da web. Tanto o ouro como a eletricidade

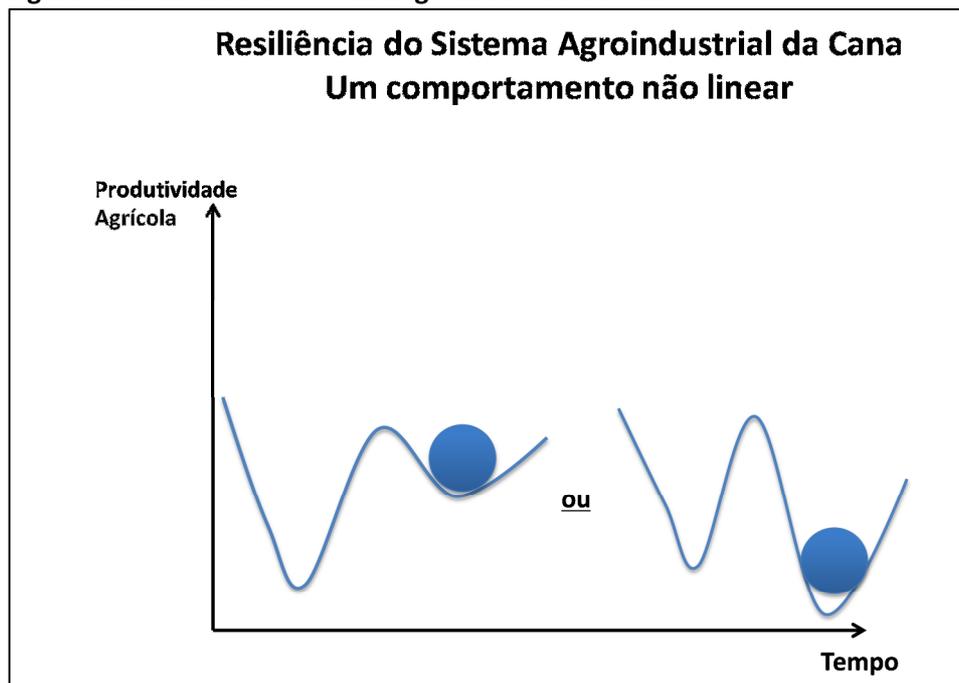
tiveram períodos mais ou menos longos, e o mundo elétrico segue firme, buscando, agora, o transporte individual, depois dos sucessos com tostadores, máquinas de lavar e outros.

Assim, o petróleo substituiu parte do carvão mineral que já havia substituído a lenha e vai por aí.....

As inovações seguirão e as esperanças também. Produtos serão substituídos e, às vezes, retornam. E a civilização segue, amedrontada pelos novos períodos e inseguranças e se questionando, como neste texto, sobre a resiliência do sistema como um todo ou, especificamente, do setor cana-de-açúcar no Brasil.

Esquemáticamente, viu-se que as crises guardam semelhanças nas curvas e que a profundidade da “tigela” seria a resiliência:

**Figura 3: Resiliência do Sistema Agroindustrial da Cana**



Em termos práticos, a perda da produtividade é o foco da ação a favor da resiliência. E o drama é a não aceitação, pelo governo, que perdas de políticas-chave, como a CIDE, podem definir um novo e pior padrão de resultados!

Em síntese: Questões:

1. Qual a taxa de crescimento anual de oferta?
2. Como serão os investimentos? Para qual produtos?
3. O Brasil pretende manter liderança setorial? Como?
4. O setor manterá sua resiliência?
5. O Governo Federal olhará de longe?

Vale ressaltar que no Congresso do ISSCT serão discutidas questões como o futuro da biomassa (cana total) e a 2ª geração de tecnologia, que também são ações novas e que mexerão com as questões finais colocadas.